



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de inauguração da fábrica de pneus de mineração e
terraplanagem da Michelin – América do Sul**

Bairro Campo Grande – Rio de Janeiro, 26 de fevereiro de 2008

Meu caro companheiro governador do estado do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral,

Meus companheiros ministros Miguel Jorge, do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, e Edson Santos, da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial,

Nosso querido companheiro Luis Fernando Pezão, vice-governador do estado do Rio de Janeiro,

Meu caro companheiro, deputado Jorge Picciani, presidente da Câmara Legislativa do Rio de Janeiro,

Meu amigo e senador da República, Marcelo Crivella,

Deputados federais Alexandre Santos, Carlos Santana e Sandro Matos,

Meu caro Luiz Fernando Beraldi, presidente da Michelin da América do Sul,

Meu querido companheiro Luciano Coutinho, presidente do BNDES,

Meu caro Régis Fichtner, secretário de Estado, chefe da Casa Civil,

Meu caro Eduardo Eugênio Gouvêa Vieira, presidente da Firjan,

Senhora Fabíola Barbosa e senhor Antonio Carlos, companheiros que representaram os trabalhadores da Michelin,

Prefeita de São Gonçalo, companheira Cida. Se tiver mais prefeitos aqui, eu quero estender os meus cumprimentos a todos,

Diretores da Michelin,

Trabalhadores e trabalhadoras da Michelin,

Amigos da imprensa,



Governador, hoje é um dia muito especial na minha vida. Eu dediquei um terço dos meus 62 anos de idade dentro de uma fábrica, e vivi momentos de alegria e momentos de tristeza. Somente quem está dentro de uma fábrica, ou quem está em casa esperando que o companheiro ou a companheira chegue, ao final do mês, com o salário para ajudar a família sobreviver, tem noção do que é o desemprego, tem noção do que é um trabalhador ir marcar o seu cartão, chegar lá e o cartão não está, vai ao departamento de pessoal e recebe o comunicado de que foi dispensado.

Eu vivi uma das piores crises de desemprego no Brasil, em 1965, com 19 anos de idade. Fiquei desempregado por um ano e dois meses. Saía todos os dias para procurar emprego, às 6h da manhã, às 5h da manhã, voltava às 4h, 5h da tarde, quase batendo palma em cada fábrica. Às vezes o diretor de Recursos Humanos colocava um funcionário para atender a gente, pegava a carteira da gente, entrava para o escritório, voltava 4 ou 5 horas depois para dizer: “não tem vaga”, e você voltava para casa, de segunda a sexta, na angústia de que na outra segunda você iria arrumar emprego.

Eu entrei na Villares no dia 29 de janeiro de 1966. A Villares, naquele tempo, produzia motor de navio, produzia ponte rolante, produzia peças para o metrô. A Villares estava no auge, muito dinheiro do BNDES, a Villares estava no auge. Um belo dia, nós chegamos para trabalhar e a Villares dispensou 1.500 trabalhadores numa tacada só. É preciso ter noção do que significa o desespero de um pai de família chegar em casa e falar: “perdi o emprego”.

Depois, eu vivi 10 anos da minha vida como presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo. Vivi momentos de glórias, de alegrias e momentos de tristeza, porque assisti o começo do processo de avanço tecnológico nas empresas, Miguel Jorge trabalhava numa delas. Todo mês eram dezenas ou centenas de trabalhadores que eram mandados embora. Enquanto existia a rotatividade de mão-de-obra, estava maravilhoso. As empresas mandavam alguns trabalhadores embora e contratava outros. A



nossa briga era que os contratados novos recebiam menos do que os velhos que eram mandados embora. Foi daí que nós fizemos uma briga enorme e conseguimos, em 1976, Governador, conquistar uma coisa chamada “salário substituto”: a empresa, quando mandava um trabalhador embora e contratava outro na mesma função, tinha que pagar o mesmo salário daquele trabalhador demitido.

Aí veio a década de 80, e de 80 para cá, até dois mil e poucos, nós tivemos uma situação muito grave na economia brasileira. Nós éramos pegos de surpresa com anúncios de planos econômicos mirabolantes. Tinha planos que se anunciava na televisão como se, no dia seguinte, todos os trabalhadores estivessem ricos. Às vezes esse plano dava certo por três, quatro ou cinco meses e, de repente, esse plano acabava e os trabalhadores iam acumulando o prejuízo, as empresas iam tendo que demitir mais trabalhadores.

E nós chegamos a uma situação quase de desespero, em que não existia mais na porta de nenhuma fábrica uma placa daquelas “precisa-se”. Nós passamos 20 anos sem ter uma placa na porta de fábrica, porque todas as empresas tinham que dispensar trabalhadores, porque a economia brasileira não crescia, o mercado interno não crescia. Se não crescia o mercado interno, você não tendo consumidor, você não vende o seu produto. Então ficava, de um lado, um conjunto de jovens que iam atingindo idade de trabalhar e não tinham nenhuma possibilidade de trabalhar.

Quando eu vejo, Governador, a televisão mostrando um jovem de 18, 19, 20 anos, sendo preso porque assaltou, porque matou, eu compreendo que essa pessoa tem que ser punida mesmo, porque cometeu um delito. Mas é importante lembrar que essas pessoas são resultado de, praticamente, três décadas de descaso neste País, em que a economia não crescia, não se gerava emprego, não se gerava oportunidades. Então, é um desespero total, meninas e meninos atingindo idade de trabalhar, faziam o ensino fundamental,



às vezes faziam o 2º grau e quando iam fazer o 3º grau não passavam no vestibular das universidades federais porque tinham estudado em escolas públicas da periferia. Portanto, não podiam competir com aqueles que tinham estudado nos melhores colégios do Rio de Janeiro, de São Paulo ou de Minas Gerais. Iam a uma universidade particular, faziam o vestibular, passavam e quando chegava no mês de fevereiro, que iam se inscrever, eles tinham que pagar para fazer um cursinho, até desses menores de 800, 900, 1.200, 1.500 reais. Nem pensar em Medicina, que vai para acima de 2.500 reais. Então é explicável, um pouco, o desespero de uma parte da juventude brasileira, porque não tinha esperança, porque não tinha perspectiva, porque não tinha para onde ir.

Quando nós assumimos o governo, em 2003, eu tinha uma coisa na cabeça. Primeiro, que nós não podíamos errar. Isso, Sérgio, martelava a minha cabeça. Eu dizia: todo mundo tem condições de errar, o Lula não pode errar. Já tinha um preconceito enorme contra mim, um torneiro mecânico, sem diploma universitário, ganhar a Presidência da República, já era uma coisa que muita gente não suportava, era demais. O cara sair de Garanhuns para não morrer de fome e virar Presidente da República? O preconceito é uma doença e muita gente não aceitava esse tipo de coisa.

Então, tudo que alguns queriam era que não desse certo para justificar. Não dando certo, “o trabalhador tem mais é que trabalhar e não se meta a querer governar o País.” Na minha cabeça, isso martelava 24 horas por dia. E eu dizia: por que eu não posso errar? Por que se nós fizéssemos o governo fracassado que outros fizeram, os trabalhadores iam passar 150 anos para ter a perspectiva de eleger um outro trabalhador presidente da República. E para dar certo, Sérgio, a gente tomou a decisão de não fazer mágica com a economia. Sabe aquele negócio: o presidente ganha e no dia seguinte vai à televisão e anuncia um plano econômico que parece uma mágica? De repente o real passa a valer mais do que o dólar. Todo mundo ficou feliz. Quanto tempo



durou? Eu falei: não tem mágica. Em economia a gente tem que tratar com seriedade. Em economia, primeiro, a gente só pode gastar aquilo que a gente tem. Eu sou casado há 34 anos com a dona Marisa, já vivemos momentos muito difíceis na nossa vida e a gente nunca fez uma dívida sem antes a gente ter certeza de que a gente podia pagar. Esse negócio de querer uma televisão nova porque saiu, é moda, não tinha na minha casa. A gente vai esperar, a gente vai criar as condições e a gente vai comprar quando a gente puder, porque se a gente der um passo maior do que a perna, a gente se machuca e nunca mais pode se recuperar.

Foi assim que nós começamos a tratar a economia brasileira. Eu posso dizer para vocês hoje, muito à vontade, Sérgio, que eu duvido que um outro presidente da República fizesse o choque que nós fizemos em 2003. Eu duvido que alguém tivesse a coragem de fazer o aperto fiscal que eu fiz em 2003. Eu fiz por quê? Porque eu entendia que eu tinha muita credibilidade política e era preciso gastar um pouco dessa credibilidade política para arrumar a casa.

Então, quando eu chego aqui hoje, na Michelin, e vejo uma empresa acreditando no País, investindo no País, eu fico lembrando que quando nós tomamos posse, nós não tínhamos dinheiro para financiar as nossas exportações e nem as nossas importações. Nós não tínhamos crédito, e ainda o FMI tinha 15 bilhões e 900 milhões de dólares depositados na conta do Brasil, com uma espada na cabeça do governo, dizendo: “só pode fazer isso, só pode fazer... Eu fui ao Congo agora, e o Congo tem uma dívida com o FMI. O Congo quer construir uma estrada, o FMI fala: “não pode”. Quer fazer uma universidade. Não pode. Aqui no Brasil, de vez em quando vocês viam nos jornais: “Missão do FMI vem para o Brasil”. Descia no aeroporto e começava a dar palpite: “não pode gastar nisso, não pode gastar naquilo, você só pode fazer aquilo”. Era como se, mesmo depois da morte de Tiradentes e depois da Independência em 1822, a gente ainda não tivesse independência. Era preciso vir alguém aqui para dizer: “só pode comer aquilo, só pode fazer aquilo”. O que



nós fizemos? Vamos preparar a casa para a gente dar o segundo grito de liberdade. Não precisava gritar “Independência ou Morte”, era só gritar “respeito”, “dignidade”. Em 2005, dissemos para o FMI: nós não precisamos de vocês mais aqui, peguem os 15 bilhões e 900 de vocês, tchau e benção, que nós vamos cuidar do nosso próprio nariz, com os nossos erros e com os nossos acertos.

Na quarta-feira, agora, eu me levanto e vejo a notícia: “Brasil deixa de ser devedor e passa a ser credor”. O que significa? Significa que hoje, como disse o Governador, as nossas reservas em dólar são maiores do que a dívida pública externa e a dívida privada. Significa que hoje, com muita humildade, nós poderemos transitar no mundo, não com o nariz em pé, mas de cabeça erguida, dizendo: nós não queremos ser maiores ou menores do que ninguém, nós queremos apenas ser respeitados enquanto nação e ser respeitados na nossa soberania. Nós decidimos o que queremos, como queremos e quando fazemos as coisas. É importante as pessoas perceberem, porque tem muita gente que dá palpite.

De vez em quando, se vocês pegarem os analistas econômicos que ao longo desses últimos anos vêm analisando a economia, vocês vão perceber que todos eles quebraram a cara. Agora mesmo aconteceu essa crise americana que é uma crise imobiliária, é uma crise de especulação, é uma crise do sistema financeiro que resolveu ganhar dinheiro fácil. Vocês sabem que nos Estados Unidos, essa crise imobiliária é em função de um modelo de financiamento de casa nos Estados Unidos. Nos Estados Unidos, se você compra uma casa por 100 mil reais, você tem um crédito para comprar a casa: 100 mil reais. Se no ano aquela casa valorizou para 200 mil reais, você tem direito a ir ao banco e fazer um crédito de mais 100 mil reais, que é a valorização da casa. Se no ano seguinte ela valoriza mais 100 mil, você pode ir ao banco e pegar mais 100 mil, tudo para consumir.

Acontece que o setor imobiliário não valorizou o tanto que precisava



valorizar, e as pessoas que fizeram o crédito tiveram problemas. Os bancos, que achavam que poderiam especular com esses títulos, quebraram a cara. Foram muitos bilhões. Só um banco francês, foram 50 bilhões de dólares. Os bancos da União Européia, quase todos, chega a mais de 400 bilhões de dólares, e a gente não sabe ainda os bancos. Eu me lembro do Citibank, Miguel Jorge, quantas vezes o Citibank veio ao Brasil, em reuniões comigo, eu não era nem presidente ainda. Como o Citibank sabia o que era bom, o que era ruim, dizia tudo que a gente tinha que fazer. Tomou na cara em 10 bilhões de dólares. Tudo isso porque especulou.

Aí, alguns adversários, não meus, alguns adversários do Brasil, pessoas que se levantam de manhã e vão dormir à noite torcendo para que o Brasil não dê certo – pelo menos na minha mão tem gente que não quer que ele dê certo – começaram a dizer: “agora eu quero ver se o Brasil vai agüentar, agora eu quero ver se a economia brasileira está sólida, agora eu quero ver como é que o governo vai se portar”. Até agora, essa crise americana não atravessou o Atlântico. Até agora o sistema financeiro não está envolvido nessa crise que tem um nome bonito, “*subprime*”, até agora não chegou até aqui. Nós temos solidez porque nós fizemos como a formiguinha: enquanto alguns cantarolavam, nós ficamos comprando dólar e hoje temos 190 bilhões de dólares de reservas, para enfrentar essas e outras crises. Hoje, nós podemos dizer para vocês que o Brasil está tendo a oportunidade de viver um ciclo de crescimento sustentável e duradouro.

O Luciano Coutinho, presidente do BNDES, nos comunicou agora há pouco que nesse primeiro mês de janeiro, a gente já financiou mais máquinas, 60% do que financiamos no começo do ano passado. Quando começa a crescer a venda de máquinas e bens de capital, significa o quê? Que as empresas estão investindo em renovação da sua capacidade produtiva, em modernização. E isso está acontecendo agora.

A construção civil, fazia 26 anos que não crescia. Não são 26 dias não,



26 anos. Do ano passado para cá, depois de todas as mudanças que nós fizemos, depois de aumentar o crédito para as pessoas comprarem casa financiada, nesses próximos anos a construção civil vai crescer como não crescia há 30 anos no nosso País. Eu estou dizendo isso para vocês para dizer do orgulho de estar aqui, vendo uma empresa investir no Brasil, vendo uma empresa gerar... A indústria automobilística também dizia que estava em crise. Eu me lembro que quando eu tomei posse, a indústria automobilística, toda vez que se reunia comigo, falava o seguinte: “Presidente, vamos fechar em vermelho”. Só tinha vermelho. Eu dizia: vamos trabalhar porque vai melhorar. Hoje, a indústria automobilística brasileira bate recorde atrás de recorde. As vendas de carros, só em janeiro, cresceram 25%. Por quê? Porque uma parte do povo trabalhador, que produz o carro e não pode comprar, porque só se financiava em 24 meses ou em 30 meses, na hora em que a indústria automobilística eleva o financiamento para 70 meses, o trabalhador percebe: cabe no meu bolso essa prestação. Aí, ele vai comprar o carro que ele tem prazer de comprar e de, preferência, usar pneus Michelin para que não fique parado nas ruas deste País.

Eu quero dizer ao Beraldi que é uma alegria estar aqui, e sobretudo, ver jovens vestidos com roupas de trabalho, meninas e meninos que, certamente, estão mais qualificados do que eu estava quando comecei a trabalhar em 1965 e, certamente, têm pela frente possibilidade de estudar mais do que eu tive.

Sérgio, uma coisa eu vou te contar, e a você, Beraldi. Quando nós criamos o ProUni, eu tinha um problema, porque eu passei na rua a vida inteira gritando: ensino público e gratuito. Mas para ter ensino público e gratuito tem que construir universidade. Se você não tem dinheiro, você não tem ensino público e gratuito. O que nós fizemos? Fizemos uma parceria, Crivella, com as universidades privadas, e criamos o ProUni. O ProUni está colocando 400 mil jovens da periferia na universidade.

Agora, mais uma novidade. Criamos o Reuni, acertamos com 54 reitores das



universidades federais, e vamos aumentar de uma média, hoje, de 12 alunos por professor, para 18 alunos por professor. Isso vai permitir que a gente, até 2010, coloque mais 400 mil jovens nas escolas federais deste País. Vamos inaugurar até 2010, 10 novas universidades federais, 48 extensões universitárias e vamos também inaugurar 214 escolas técnicas neste País. Este dado é importante: de 1900 a 2003 – a primeira foi construída por Nilo Peçanha, acho que na cidade de Campos, se não falha a memória – de 1909 até 2003, eles construíram 140 escolas técnicas, em 93 anos. Nós, em oito anos, vamos construir 214 escolas técnicas profissionais neste País, para garantir ao jovem deste País, e sobretudo, aos filhos dos mais pobres, que têm o direito de aprender uma profissão e conquistar a sua cidadania. As escolas técnicas eram poucas, muito qualificadas e quem entrava na escola técnica até um tempo atrás, não era o pobre, era o cidadão que entrava, fazia o curso para depois ir para a universidade, e a profissão que ele tinha aprendido no lugar de um outro que precisava trabalhar, não valia muita coisa. Então, companheiros e companheiras, este País está sendo construído junto com vocês. Se não fosse a confiança, se não fosse o esforço nos momentos difíceis... Agora, graças a Deus o Rio de Janeiro elegeu o Sérgio Cabral. Um companheiro que tem trabalhado como se fossemos irmãos, não Abel e Caim. Irmãos, eu diria, de coração e de alma, porque o Rio de Janeiro precisa parar de sair nas páginas dos jornais apenas por violência. Esse Rio tem coisa muito melhor, 99% do povo é decente. Agora, tem gente que gosta de mostrar desgraça.

O meu papel é vender auto-estima, o meu papel é dizer o seguinte: se um País como o Brasil permitiu que um operário metalúrgico chegasse à Presidência da República, eu fico imaginando o que este País não pode permitir para vocês, que estão começando agora. Portanto, nós temos que acreditar neste País, que é maravilhoso, acreditar no Rio de Janeiro. É verdade que no Rio de Janeiro tem violência, mas não tem mais do que tem em qualquer outro estado da Federação, não tem. Em vez de mostrar só a cara de



bandido, é importante mostrar a cara de vocês, meninas e meninos, pais de família, que querem trabalhar, sustentar a sua família e viver condignamente. É tudo isso que nós queremos. Isso é bom para o Presidente, é bom para o Governador, é bom para o Brasil e, sobretudo, é necessário para o povo brasileiro.

Por isso, Beraldi, meus parabéns pelos investimentos da Michelin e eu espero que vocês continuem acreditando no Brasil, porque se depender de produção de carros, podem preparar os pneus, porque não vai faltar mercado, nem interno, nem externo.

Parabéns e boa sorte para todo mundo.

(\$211A)